



A psicanálise do fim do mundo

(e a política do sintoma)♦



O branco no fim

Sumário

O analista cidadão e o analista no chuveiro	2
Sobre Gaia, a fantasia e nossos Outros	3
A página em branco: o real lacaniano	5
A página em branco: O que (não) se escreve	6
Ambiguidade	8
O ato e sem sujeito	9
O real como impossível de se inscrever, o impossível lacaniano.	10
Discussão: Ocupações e catástrofes	11
BIBLIOGRAFIA	13

Bem-vindos,

Começo pela situação na AMP. O que é a AMP? Se não há mais atopia, nem extraterritorialidade, vocês não podem pensar que estão aqui em um espaço fora do mundo. Alguém paga o aluguel, a *Escola Brasileira de Psicanálise*. Se esse seminário é de graça, é porque os membros da EBP-Rio se cotizam e pagam as contas. A Escola reúne seis seções e ela faz parte da *Associação Mundial de Psicanálise*.

♦ Este texto reproduz o encontro do seminário do ICP-RJ “A psicanálise do fim do mundo” ocorrido em 01/06/16, transcrição Cida Malveira, revista pelo autor.

O analista cidadão e o analista no chuveiro

Todos estão inscritos em Veredas? É nossa lista informativa. Ela divulga eventos e publicações. Nela podemos ler o *Lacan Cotidiano*, um jornal/revista, editado na França, mas publicado, pelo menos parte dele, em Espanhol e Português. É divulgado em Veredas e em outras listas da AMP. Boa parte do que tenho contado a vocês sobre o momento político da AMP vem de lá.

Por exemplo, um psicanalista italiano bem conhecido no nosso meio, o Massimo Recalcati, achou boa ação política para um psicanalista participar de um partido, e de certa maneira refundar um partido a partir da psicanálise. Foi o que gerou uma reação em nosso meio, puxada por Jacques-Alan Miller opondo Psicanálise e Partido. Um psicanalista pode participar de um partido, pode ser eleito, claro, mas ele deve estar advertido de como a lógica do partido pode ser antagônica à do discurso analítico. Alguém leu sobre isso? Precisamos ler. Traz uma discussão muito interessante para nós! Para isso Miller se apoia em um texto de Simone Weil que será publicado na *Heretic*.

Participante: esse debate é posterior àquele da apresentação de Miller em Madri?

Sim. O debate com o J. Alèman de que falamos no encontro anterior era associado ao tema dos partidos em oposição ao de “povo” em Laclau, houve ainda o debate com a EOL, Escola argentina que envolvia a figura do Perón, mas sob este prisma me parece mais um tema local, o importante é o tema da participação política do psicanalista como a de um militante de partido ou não.

Participante: o que podemos tirar dessa experiência...

Participante: sobre a conjuntura política...

Devemos refletir sobre o que está acontecendo, mas de que ponto de vista? De que lugar? A proposta de Miller, que acho boa, é não tanto “trazer a psicanálise para a política”, mas “trazer a política para a psicanálise”. Como podemos trazer esses debates para nossa discussão? Temos que colocar as questões que interpelam o lugar do analista.

Gabriel T.: O debate do J. Alèman, foi baseado no debate anterior de Ernesto Laclau, sobre a questão do populismo. De alguma maneira a Argentina criou um conceito ambivalente de populismo, o peronismo partiu da ideia de que o conceito de povo tinha que ser construído, e esse conceito foi baseado na psicanálise lacaniana. Laclau, sugeriu na sustentação dele, que na política era necessário construir uma palavra de ordem, que teria uma espécie de analogia para produzir equivalências... Então foi a política que interpretou esse encontro com a psicanálise.

Entendo, mas isso me permite pensar também no vetor contrário. Se a psicanálise, neste caso “exportou” ideias para a política, no sentido inverso, que fato político nos interpreta? O populismo argentino nos interpreta? Como?

Clarisse B.: a política entra na psicanálise, não a psicanálise entra na política. Tem alguma coisa paradoxal nesse conceito de analista-cidadão que precisa ser olhado mais de perto.

Precisamos revisitar nossos postulados. Como entender o “cidadão” da expressão “analista cidadão” no contexto deste seminário? Proponho, acho que já disse, que se entenda como “aberto a ser interpretado pelos acontecimentos da cidade”, claro que também buscaremos a leitura, interpretação, para estes acontecimentos do ponto de vista do analista, mas primeiro o contrário.

Se não nos deixamos surpreender pelo acontecimento, ele não será um acontecimento e se não é um acontecimento para nós, como interpretá-lo?

Lembrando sempre que há analistas, mas que eles não são analistas o tempo todo. Analistas funcionam às vezes como analistas para analisantes, nem sempre, nem toda hora e nem em toda sessão. Não existe “O” analista, o analista é uma função e uma função relacional. Não há analista no chuveiro. Então quando falamos em analista-cidadão estamos falando em colocar a pergunta: qual é a cidade que acolhe e promove a função analista?

Adriano A.: queria mudar um pouco a reflexão, trazendo-a para a proposta inicial do seminário, o do livro do Viveiros de Castro que trata da questão do fim do mundo não nessa dimensão político social que estamos vivendo, mas, assim, materialmente, na discussão da ecologia. Em que você achou que essa discussão da ecologia, do fim do mundo, convoca a psicanálise?

Sobre Gaia, a fantasia e nossos Outros

Tentei aproximar, de maneira tímida e com analogias grosseiras, o fim da fantasia ou de uma mudança decisiva de posição com relação à fantasia, com o tema do “fim do mundo”. Foi o que fizemos da última vez. Este tema está em alta em nossos dias. O interessante desse livro, “Há Mundo por vir”, é que Eduardo e Déborah Danowski, fazem um apanhado, bem organizado, deste tema hoje. Uma das teses centrais é que a diferença, antagonismo, entre eu e mundo, seria dos “modernos” apenas, teria tido uns duzentos anos de apogeu e estaria acabando ou já teria sumido do mapa, pelo menos nas reflexões do campo da ecologia, especialmente àquelas que se referem à Terra como um organismo, no qual o homem é um elemento entre outros e que chamaremos sempre de hipótese *Gaia*. Na vigência de Gaia, já há o fim do sistema “sujeito x objeto”. A contraposição entre um sujeito leitor e seu objeto separado dele, “em frente à ele”, *gegenstand*, seria de um tempo que encontrou seu fim. Os Ameríndios teriam então todo interesse, segundo Viveiros de Castro, porque eles não funcionam nessa base.

O que isso teria a ver com a gente? A fantasia é nosso nome para aquilo que sustenta, para cada um, a diferença entre interno e externo, eu e mundo, sujeito e objeto. Ora, uma análise sempre lida com coisas que desestabilizam essa diferença, perturbam a vigência da fantasia. Se alguma coisa se introduz com Lacan é o real. O real não é o mundo, quem sustenta a realidade é a fantasia, isso é dito a torto e direito por Lacan, procurem seu “esquema R” nos *Escritos* ou no *Seminário 5* e verão. O real é o que desestabiliza, é uma coisa não-mundo. Então toda análise envolve um fim do funcionamento anterior da fantasia, um fim de mundo, ou uma abertura ao não-mundo. Por isso as reflexões do Viveiros de Castro, de suas fontes, Bruno Latour por exemplo me interessaram.

Muitos já registraram o quanto estamos vivendo tempos de uma alteridade que não é mais a do mundo externo x mundo interno. Pelo menos não o tempo todo. Quando temos como parceiro o *Google* por exemplo, é difícil dizer que ele tem uma alteridade tipo “objeto diante de mim”. Ele está em todo lugar e em lugar nenhum, sabe tudo de mim sem que eu saiba como, e sabe tudo de tudo sem que eu saiba dizer se é verdade ou não.

Este Outro inconsistente de nosso tempos, se fossemos desenhar o que é, seria uma grande geléia. Zizek, por exemplo, preferiu pensá-lo há uma década como um deserto pós cataclisma, como nos filmes de Mad Max, ou especialmente Matrix, destacou aquela frase famosa de Matrix: “Bem Vindo ao Deserto do Real”.¹

Em nossos termos, existe uma alteridade a do sujeito-objeto, em que o Outro é consistente e existe essa que pensamos do Outro inconsistente e que Miller às vezes chama de um “Outro que não existe”. Existe, mas é meio inconsistente, é com ele que lidamos como estranheza desde o início da análise e é com ele que acertamos as contas no final.

O mesmo valeria para o mercado. O Outro do capitalismo tem muito mais cara desse Outro inconsistente. Por isso os economistas apanham tanto para definir o comportamento do mercado, querem agradecer o mercado, todo mundo faz sua hipótese, mas sempre temos a impressão de muito capricho e pouca lei no comportamento dele.

Em meu livro *Restos*, arrumei um pouco a casa dessas referências em um glossário, vou enviar a vocês. Confirmam o verbete *Miller*, por exemplo. Ele aproxima esse Outro do *nãotodo*, conceito lacaniano. O *nãotodo* é uma experiência de gozo do tipo “geléia geral”, nunca se sabe até onde ele vai, o que se quer. Como alteridade ele não é estável o bastante para que se possa dizer o que é.

Já a alteridade dos ecologistas não parece ser essa, por isso me interessou.

Participante: Gaia.

A alteridade no plano de Gaia é outra. Eu estava ontem em um evento na PUC, inclusive com a participação da Déborah D. Ela apresentava um Mapa de nível de água em que você pode visualizar o que será inundado no Rio a cada metro de subida do mar, impressionante. <http://flood.firetree.net/?ll=-22.9541,-43.2545&zoom=12&m=20>

O que é este mar? Não é uma alteridade inconsistente. Para quem convive com esse Outro, para quem se estrutura com base em uma presença cultural diferente daquela do mercado, há certeza, o que não ocorre com o Outro do capital, reino do “tudo é possível”. A água vai subir, só não se sabe a que ritmo, mas vai subir e não tem volta, negociação.

Alguns sociólogos supõe que nossos jovens estão vivendo sobretudo nesse regime de alteridade. Essa alteridade me parece nova. Consigo ver como a alteridade do final de análise do Outro inconsistente dialoga com a do mercado, são duas inconsistências, diferentes, mas inconsistências. Já Gaia parece nova.

Participante: No *Biopolítica*², do Laurent, ele diz “é preciso que o campo das ciências humanas, abra mão do que marcou o século XX, que foi pensar o humano totalmente desgarrado do plano da natureza. O auge disso, talvez seja o estruturalismo. É muito interessante ver o deslocamento que o Laurent está fazendo, do corpo, desse momento, que é o momento de Radiofonia³, até o momento Joyce [O sintoma]⁴. Lacan, nesse momento passa do significante, do corpo imaginário e tal, depois ele enfatizar o corpo numa dimensão que chega aos fluidos do corpo, talvez aí, claramente tem um caminho no Lacan que vai mais próximo que se aproxima dessa dimensão.

O que trabalhamos para o X Congresso da AMP, “O corpo falante e o inconsciente no século XXI”, o corpo falante, foi exatamente nesse sentido;

<http://www.congressoamp2016.com/?lang=pt>

A presença do corpo na análise não é sempre como alteridade “objeto”, de um Outro consistente, muitas vezes é “objeto a”, outras ainda *sinthoma* (como acontecimento no corpo de um gozo deslocalizado), em ambos os casos é um Outro inconsistente.

Pensei num exemplo para vermos a diferença entre esses dois Outros. Neste mesmo encontro na PUC aprendi que o Rio de Janeiro, tem problemas crônicos com as encostas, as favelas, as construções, o lixo que se acumula e desce nas chuvas. Esse é um Outro “moderno” ou seja, clássico. Nessa visão de mundo o homem interfere na natureza e ela se vinga. Se o homem mudasse seu jeito de estar a natureza se refaria, mas ele não consegue porque está submetido à ciranda do capital que não está nem aí para a gente, mas apenas para o lucro, por isso os políticos se lixam e os moradores não conseguem fazer nada a não ser jogar o lixo enconsta abaixo.

Mas há um outro Outro no ar, no espírito da época. Ele aparece na relação que temos com as áreas alagadiças da cidade. A cidade inteira está crescendo nessas áreas. Os grandes empreendimentos na Barra, a Vila Olímpica, ora, vão todos cair quando o mar subir. E o mar, segundo todos, vai subir, esses aterros serão fragilizados e os prédios vão cair. A alteridade em questão nesse caso é completamente diferente. Percebem?

É o que percebo ainda intuitivamente. Relações com Outros diferentes: o Outro que segue a polaridade homem-natureza é o Outro do humanismo, o Outro da fantasia; o Outro, caprichoso, *nãotodo* é o do mercado; e aquele que segue seus equilíbrios próprios, envolvendo fatores que nos ultrapassam completamente, mas que não é caprichoso, apenas indiferente seria uma novo tipo de alteridade que estamos chamando *Gaia*.

Participante: não tem implicação subjetiva.

Sim, não se pode evitar a catástrofe anunciada, mas é possível organizar a vida para sobreviver *nela*, não a ela.

A página em branco: o real lacaniano

Vamos ao conto. Todos leram o texto? Nessa história a gente vê, figuradamente, alegoricamente, uma série de relações que desenham o mundo clássico, humanista e que chamamos também moderno. Estamos tentando investigar o que seria esse mundo pós-mundo, então começamos com um mundo bem mundo, que a gente conhece um pouco e vê onde ele está.

Acho que o conto da Karen Blixen mostra muito bem como no regime de alteridade de um Outro consistente, o regime da fantasia fundamental, quando o real aparece, ele virá como um objeto muito especial.

Antes do conto há uma introdução teórica, meta-narrativa que anuncia o que virá. No conto propriamente dito o real virá como a página em branco, na introdução ele é o silêncio que aparece após o fim da história. O real como silêncio é o que habita cada narrativa e que pode ser encontrado se o contador for bom. Aquele silêncio de um mundo de sentimentos e ideias que nos inunda às vezes no meio de uma história ou no final.

Mas só se consegue esse silêncio quando a gente se submete à história. Aqui ela é muito lacaniana. Esse real é o real do significante, não é o real do silêncio místico. Não é “cale-se, silencie-se e você se aproximará do real”, é o contrário “submeta-se à fala e você vai encontrar esse real”. Não é “medite, respire, faça massagem, caia em um bloco de carnaval”, mas sim “siga a sequência de uma história”.

Ela diz que é preciso respeitar os elementos da história. Todos? Seria impossível. Vamos ter que escolher os significantes mestres da história, o que não é escolher a história. Vejam se estou forçando demais.

Ela é uma contadora de histórias, “aprendi com minha avó, estava lá, ela acha que se aprende num manual, mas não é assim, eu vou dizer para você. A minha avó me disse: “se você quer saber, você não entendeu nada, porque não é alguma coisa que se aprende em manual”. O que não se aprende em manual? Vamos propor que seja a *arte de escolher os significantes mestres*, aquilo que você precisa contar senão não vai obter o efeito de real.

Essa é a base da clínica lacaniana: “ao invés de significados, significantes”. Podemos apostar nos significados, mas eles são fugidios, imaginários. Posso tentar, empaticamente, captar o clima de uma história de vida, como se eu estivesse vivido lá; Mas isso é perigoso, basta me faltar identificação para a coisa não funcionar. Lacan propõe que retenhamos as palavras-chave. O sentimento de um mosteiro lindo, vou caprichar no tom, vou tentar fazer a cena, tem alguma coisa que posso pegar ali que não é isso, não é mais sentido, é mais marcante, são as palavras chaves. Quais? Vamos ter que apostar nessa ou naquela.

Lacan, no *Seminário 19* afirma: “não se deve pular um significante, é na medida que um significante não nos para que compreendemos”.⁵ Quando a gente pula alguma coisa aí que a gente entende, para fazer uma Gestalt é preciso descartar os detalhes que não compõem. Entender não é ruim, mas se você quer encontrar este efeito de real da página em branco, aparecer essa coisa que não se escreve na compreensão, você não pode pular, É a mesma ideia. Até parece que Lacan leu Karen Blixen.

É isso que fazemos na nossa clínica, a atenção flutuante é atenção aos significantes. Sem perder os significantes-mestres a gente consegue ouvir o silêncio chegando e é nessa hora que temos que interromper. Às vezes a gente não ouve nada e interrompe rezando para que tenha um efeito de real, mas não é nossa orientação.

Essa é toda uma parte da clínica, que estamos chamando de efeito de interpretação ou de ressignificação. Esse silêncio relê, traz mais material. Lacan em uma conferência diz: “o que o psicanalista quer é buscar aquilo que os psicanalistas fogem, que é o efeito de surpresa”.⁶ Esse silêncio é também o da surpresa. Aparece alguma coisa que não consigo dizer o que é, mas sei que só poderia ter aparecido porque eu disse um certo número de coisas. O real não está separado do simbólico, o real não é avesso ao significante, o real é o que aparece entre significantes.

A página em branco: O que (não) se escreve

Na segunda parte ela vai colocar em ato o que teorizou, conta uma história e a princípio teremos o efeito do silêncio, no final, senão não é uma boa contadora. Vocês tiveram o efeito de real, em *A Página em Branco*?

Na história as princesas se casam e o sangue delas escreve um acontecimento no lençol, registra que elas eram virgens e que se tornaram rainhas porque entregaram sua virgindade para o rei. Os lençóis emoldurados registram que elas deram o que tinham, a virgindade delas por exemplo, o prazer ou a dor que elas tiveram naquela noite. Quando aquilo que se escreve entra na cadeia dos acontecimentos temos uma rainha, um rei e um herdeiro. Esse é o sistema da tradição do reinado.

No mosteiro, fora do mundo, na mais profunda extraterritorialidade, cuida-se com carinho dessas coisas da tradição, do que no mundo não são apenas fatos, por exemplo, a nobreza e como se chega nisso. Nesse mosteiro, guardam a privacidade do sangue da rainha. As freiras recolhem os lençóis e fazem sua galeria de lençóis emoldurados.

Tem algum significante que não posso esquecer?

Participante: os lençóis são produzidos lá. As freiras produzem aquele linho para que as princesas gozem, manchem de sangue.

Sim, o significante *linho*. Elas são as puras, brancas, que cultivam o alvo linho, que fabricam a brancura e guardam a mácula na brancura.

Porque ficarem escondidos no convento? Porque um fato é muito mais fato se confiado a um avalista que em vez de exhibir a prova apenas diga que é verdade. Todos sabem que sim porque as freiras guardam o saber sobre o sim, estamos no regime do Sujeito Suposto Saber. Por isso elas são virgens, não poderiam mentir sobre isso. Não é o regime explícito é implícito. O real, do gozo, do sangue delas está escrito, mas sob a guarda das moças do silêncio.

Muito bem. Chegamos agora acontecimento da história, um dos lençóis não foi manchado. Uma das princesas não era virgem, por exemplo. É uma das maneiras de entender, o gozo que ela já tinha tido antes, como mulher, não se inscreve lá, o que se escreve lá é a submissão ao rei. Essa já tinha feito coisas antes ou, sei lá, ela era diferente.

Isso que não se escreve rompe a tradição e destrói o império inteiro, porque a princípio se não tiver rainha, não tem mais o costume. Se um furar, acabou. Para a gente é muito difícil pegar esse clima.

Participante: não poderia ser o rei impotente?

Não existe rei impotente. Rsrs. Poderia, claro.

Participante: entendi que foi uma possibilidade da instituição da exceção naquela Ordem.

Concordo, mas acho fraco o termo exceção, é muito mais. Uma exceção é o que confirma a regra, aqui quando a página em branco fim da tradição.

Participante: o efeito do conto é em nós mesmos.

Qual é o efeito? Tem uma coisa melancólica nesse conto de decadência fim de uma época. Um mosteiro antigo, e essa última princesa já está nos novos costumes, fim de alguma coisa. *A página em branco* vai dizer o fim a partir do gozo que não se escreve, mas que se apresenta. Nosso real não é esse? O que, segundo Lacan no Seminário 20 o impossível, como o que “não cessa de não se escrever”.

O real que não cessava de não se escrever (impossível), cessa de não se escrever (contingência). Escreveu-se, como não se escrevendo, página em branco, mas se escreveu. Não é isso que faz a análise? O conto imaginariza isso.

Natasha B.: e quando está emoldurado, está escrito também?

Quando alguma coisa se apresenta na sessão como essa página em branco, silêncio, isso interrompe as associações, você sai, ou para, e então começa a entrar alguma coisa no lugar do branco. Seja qual for o conteúdo que vier, vem como a página em branco, com um valor de real.

Uma sequência de momentos assim, ao longo da análise, pode nos leva a desenhar a moldura do lugar de onde vem essas páginas, que é o que costumamos chamar de construção da fantasia. Neste ponto, é como se nossa página em branco viesse se alinhar junto com as outras e não mais ficar aparecendo “entre”. Como no final do conto. É o que dizia como fim do mundo ou atravessamento da fantasia. Continua o mosteiro, mas com a página em branco emoldurada, todas as outras ficam menos reais. Forcei demais Natasha?

Natasha: é que me vem a questão do reescrito! Isso é uma reescrita?

São duas escritas diferentes. A do lençol manchado e a do lençol em branco. A segunda, apesar das aparências também é uma, mas de outro modo. Para situá-la pensei propor para vocês a definição de Lacan no curso “Estou falando para as paredes”. Alguém pergunta “você diz que o real não se escreve, mas você fica escrevendo matemas e essas coisas todas”. Lacan responde:

Me dizem que para dizer que a relação sexual não se escreve, você escreve, mas o que tento é colher em uma rede de escrita, a coisa sexual.⁷

O conto *A página em branco*, colhe o real do império numa rede de escrita, é o que simboliza aquela galeria cheia de quadros, é um artefato para que o real se apresente. São necessários todos aqueles elementos, todos aqueles significantes-mestres, o linho branco, a transcendência, o reinado, toda a série das manchas de sangue das ex-rainhas para que aquele lençol imaculado possa ser o real.

Ambiguidade

Voltando ao passe do Oscar, era impossível para o Oscar, ser feliz, ter uma alegria boba, não ser memorioso, era impossível não ser *light*. No reino dele não tinha a ideia de ser leve, um dia ele se torna leve. O que isso significa? É isso que a análise vai fazer, contar, contar, das determinações, posições para ele difíceis e em alguma hora vai aparecer o vazio e nesse aparecimento vai aparecer coisas e essas coisas podem falar alguma coisa diferente daquilo que estava previsto. Essa é uma das maneiras. É o corte.

Outra maneira canônica – o que fez a analista - “eu sou essa coisa diferente, esse negócio de gozo, mulher, tem coisas muito mais sérias na sua vida, mulher é uma bobagem”. Assim era o script do Oscar. Ele podia ser como as freiras do reino que colhem o linho, trabalham para o império. Oscar estava mais nesse clima.

Aparecer alguém se masturbando no banheiro da freira, não ia funcionar, não faz sentido. A analista do Oscar quase fez isso, quando ela diz “eu sou mulher e você me deseja, esse seu movimento de perna é para mim”. Chamaríamos de uma intervenção selvagem, mas funcionou. Qual seria a nossa indicação lacaniana? Fazer silêncio. O que viesse depois seria o significante dele. Ela colocou os dela. Mas funcionou também, só lacanianos são analistas? Funcionou, alguma coisa que era sem forma, ganhou uma forma e uma novidade e a “página em branco” se inscreveu ali como o “decote da analista”. Oscar disse que a analista vinha sempre com roupas decotadas e ele ficava

olhando para o decote: “isso aqui é o significante do seu desejo” é o que põe a analista onde estava vazio.

O que nós lacanianos fazemos? Em vez de ocupar o lugar do real com um objeto, um sentido, buscamos esse silêncio, deixamos o silêncio vir, porque vai vir o significante dele ali.

Participante: Ela parece um líder populista.

Pode ser, pode fazer um paralelo e fica engaçado. O que um líder populista faz? “Eu sou o peito que vocês querem”.

Nossa segunda operação há o que chamamos de *equivoco*. É uma tradução chata do Francês, porque equivoco pode querer dizer muitas vezes, erro em Português, mas no francês é muito mais *ambiguidade*. Jogamos com ambiguidade, uma palavra sempre pode significar duas ou três ou quatro. Isso é uma virtude da linguagem por isso que estamos aqui.

Quando não conseguimos o silêncio, nós “equivocamos”, por exemplo: sonhei que tomava um *elevador* para sair daqui: *eleva a dor*? Diremos. Cada um de vocês deve ter um exemplo destes e que funcionou. Funciona. Lacan trouxe como uma ferramenta nova para a psicanálise. Freud tinha trazido muito, mas a ideia de jogar com a ambiguidade da palavra, sem saber nem para onde vai, vai abrir o clarão do real.

Participante: tem um exemplo do Lacan: Gestapo.

Esse é nosso exemplo matricial, já foi dado aqui. É paradigmático, mas só Lacan e só o nazismo e só na França que ia dar nisso. Suzana Hommel, analista da ECF: Escola da Causa Freudiana. Um pouco mais velha. *Gest a peau* e Gestapo. Qual é o fundamento dessa história? Não é você se levantar do divã e colocar a mão para fazer um carinho, o fundamento dessa história é a ambiguidade significante. Temos que ter cuidado, essa cena é tão é tão heroica que “você pode querer fazer isso heroicamente”, pode dar certo. Mas qual é o fundamento?

Participante: podemos dizer que foi uma interpretação com um gesto.

Sim, mas não esquecendo que só valeu pelo valor de significante do gesto.

Essa é a segunda lição da clínica lacaniana seria: “saber que os significantes que se escrevem, eles são ambíguos, se você mexer com eles, abre-se alguma coisa que tem o real que está no meio”. Se não está conseguindo fazer sequência, pega S1 e sacode, é uma outra possibilidade de lição.

Participante: o ato analítico

O ato e sem sujeito

Gest a peau, eu colocaria no mesmo plano do “chacoalhar o significante”, apesar de ter sido uma movimentação do analista. Não acho que devemos fazer associações de movimentação corporal, com isso. A teoria do ato em Lacan é justamente “não é agir que é ato”, ato é o corte promovido no discurso pelo real que se apresentou.

Participante: no passe o ato das mãos do analista movimentando, tocou algo onde ali não tinha nome. Jésus, no sentido de Jesus. Tocou o sujeito onde não tinha nome.

As movimentações corporais do analista devem ser tomadas no plano significante. Se ele tivesse falado Jesus era mais light, preferiu falar Jesus com os braços abertos. Não é

porque abriu os braços, mas porque falou, sem falar, por exemplo. Se ele falasse *pstpst (som)*, talvez funcionasse. RsRs.

O que você está chamando de surpresa é o que a gente quer, ela é filha do significante. Ela é apenas uma outra apresentação do significante, não é porque você fez uma coisa inesperada, mas porque você trouxe o significante de outro lado.

Aí funciona como manual, está muito agarrado ao significante, ao invés de chacoalhar ele para ele reverberar, você traz o significante de outro jeito. Nada disso garante que vai ser um ato. Só vai ser depois. E não foi o analista que fez, não dá para dizer que o analista fez um ato.

Segundo a teoria lacaniana do ato, ato é sem sujeito, está dito com todas as palavras. Como o analista fez? Se tem alguma coisa que é contra a psicanálise é você achar que tem uma intenção. A intenção faz você procurar o sujeito da intenção, procurar a origem. Onde está a intenção original? Ai se está buscando a intenção do outro. O que o Outro queria de mim? Isso é um movimento neurótico. Se a análise anda é porque quando você estava procurando o que o Outro queria de você aparece um vazio e nesse vazio aparece uma mensagem, mas essa mensagem não vem do Outro, ela vem de um lugar que não sei de onde é.

Vicente: acho que tem gestuais que tem efeito significante.

Em “Função e Campo” Lacan fala, “a psicanálise está se perdendo porque todo mundo está procurando uma linguagem pré-verbal, quando a linguagem é pré-verbal, é verbal. É por isso que estou trazendo o significante de volta.

O real como impossível de se inscrever, o impossível lacaniano.

O real é o impossível de se inscrever, certo. Acho que essa história da *A página em branco*, traz o real como impossível, é o impossível lacaniano. Não é o impossível como aquilo que nunca vai acontecer, o impossível aparece, mas quando ele aparece, nada mais será como era antes, aí é o efeito de ato. Então podemos dizer que “quem faz o ato é o real”, a gente só espreita o real e deixa ele vir.

Para o passe do Oscar, propus no meu esquematismo, que a primeira intervenção era o real também como impossível, mas materializado como sentido, um objeto especificado da pulsão, “você quer uma mulher”, depois, “o que eu quero? ”, já não está mais aí, mas se perguntando “o que o Outro quer de mim? ” que é o caminho do neurótico.

O neurótico chega perguntando “o que eu quero doutor me diz”. O analista diz: fala. O sujeito fala, fala, fala e aí aparece o que o Outro quer de mim. “eu apareço como objeto”, onde eu mais me sinto vivo é onde fui objeto e não sujeito. É uma experiência corriqueira de uma análise, as lembranças, as coisas que me vêm “sinto que sou eu em minha autenticidade era onde eu estava sendo”: agarrado, mexido, coisas que os outros faziam comigo, “encontro isso porque acabo falando do Outro para poder falar de mim”.

Ai a pergunta se desloca, ao invés de ficar falando sobre meu desejo, começo a perguntar “o que quiseram de mim para que eu seja como sou?” Começamos a nos e perguntarmos sobre os desejos do Outro. Sobre o pai, etc., para tentar encontrar o real no Outro.

O segundo movimento, depois de um tempão na análise de Oscar vai de: “o que querem de mim?” Que se torna “querem que eu morra”. Eles me têm, eu nasço, eles me têm

como carne de rebanho, para jogar fora, abortar, eles me têm como morto, eu nasci para ser meio-morto. Vem a equivocidade do significante e aparece “eles me tem asco”, eles tem nojo de mim. Aparece o objeto de outro jeito, é como se ele tivesse conseguido dizer o que o Outro quer dele.

Mas o efeito principal não é esse, ao invés dele ter um novo sentido para o Outro, ele tem a ideia de que já são dois sentidos, então talvez tenha um terceiro ou um quarto. Talvez o Outro não tenha tanto desejo definido assim, ele se liberta da certeza de que o Outro queria alguma coisa dele.

A página em Branco do Oscar foi entre ele como sendo “nojento” e “morto”. Funciona para a análise dele até aí. E é aí que ele diz “ai eu virei um analista”. O que já está bom. Porque tem que complicar. Tem que complicar porque estamos num mundo pós-moderno, porque Lacan foi além, porque o Joyce existe, porque a gente não entende o que acontece depois, mas na hora em que se é analista, já saiu, descobriu que o real é contingente e impossível, parece que tem mais alguma coisa a fazer com o real. Precisava? Ele precisou. Porque será?

A análise tem seu “fim de mundo”, propus que ele seja relacionado ao que Lacan chamou, a partir de Freud, “fantasia fundamental”. Mas atenção, a conclusão de uma análise não se dá nesse momento, mas em um segundo tempo. Esquematizando: primeiro a fantasia é re-construída, decantam-se os elementos invariantes de um roteiro que orienta o modo de ser de alguém, os possíveis e impossíveis de seu gozo, a partir daí é possível rir-se dele um pouco, desrealizá-lo um pouco, o que corresponderia ao que Lacan mateforizou como “atravessar a fantasia” no *Seminário 11*. No entanto, é preciso um pouco mais, é preciso ainda “fazer com” o gozo a mais que esse atravessamento abriu como possibilidade. Esse “fazer com” aparece no *Seminário 23* e entendo-o como traduzindo um uso, um modo de trazer este gozo deslocalizado, não apreendido pela fantasia, para a vida, gozo este que Lacan chama de *sinthoma*. O passe do Oscar é exemplar. Fomos apenas até este atravessamento. O “Fazer como” é que temos ainda que interrogar nele.

Discussão: Ocupações e catástrofes

Cristina F.: alteridade sujeito-objeto, sujeito-natureza, (...) pensando no tempo da segregação, massa, ou fazendo diferença se é massa ou multidão, horda. Onde está a alteridade também nessa massa. Como essa alteridade surge na massa?

Mudanças no regime da alteridade se expressam em mudança no regimes dos coletivos. Quais seriam o coletivos estruturados com base em Gaia? Proponho que um deles seja o das *ocupações* e sobretudo a importância do consenso neles.

Naquele livro que você me indicou “Escolas de luta”, fica claro como nas Escolas ocupadas em São Paulo em 2015 os coletivos definiam suas ações sobretudo por consenso. Thereza pescou isso também na ocupação do MINC. Consenso não é votação. Alguém vai ter que se submeter para haver ter consenso, mas não é porque perdeu, mas porque decidiu calar e consentir. Talvez seja uma montagem social diferente do que estamos acostumados, se você conseguir imaginar um grupo que define coisas sem votação e sem exceção, sem soberano. Veremos.

Vicente G.: estou pensando na sua pergunta: o que nos interpreta? Pensei num trabalho do Laurent, acho, onde ele falava dos traumas dos atentados em Madri e no World Trade Center também. A partir da experiência desse trauma, ele indicava que nem tudo era devastação no pós trauma. Existia um efeito comunitário, as pessoas largavam seus pequenos narcisismos para se encontrarem com as outras – é o que todo mundo falou de Manchester - fiquei pensando nessa ideia de que esse real que se apresenta à partir do Viveiros de Castro – eu não li ainda – não é o nosso real. Nossas crianças já estão sendo preparadas para isso?

É um caldo cultural e elas estão nesse caldo.

Vicente: esse real vem ter efeitos no nosso real.

Gabriel: Sobre a questão da catástrofe, tem um livro da Anne Lebrun chamado “O sentimento da Catástrofe”, segundo ela a universalidade moderna estaria muito ligada a um terremoto que aconteceu em Lisboa, uma catástrofe enorme. A ideia é que aquele projeto humanista tinha uma alteridade que não era bem a que se estava imaginando de natureza maleável, para construir. Para ela o projeto humanista, por excelência era uma resposta a essa natureza. Os dois autores ligam a universalidade pela indiferença, está ligada a experiência da indiferença à natureza. O interessante é pensar que subiu a água, de uma maneira indiferente, como se a gente não estivesse aqui.

Eu preferia tentar não seguir seu raciocínio e imaginar um corte entre a natureza-catástrofe de Lisboa e a do mar no Rio hoje, você está propondo uma linearidade, está bom também.

Gabriel: dependendo de onde a gente parte, onde faz o corte, ele aparece em lugares diferentes. Por exemplo, um corte interessante é imaginar que temos meios para pensar, mas não conseguimos assumir as consequências, por isso a catástrofe parece contingente. Então o corte fica na gente, não fica no mundo. A psicanálise pode ter o arcabouço teórico para se estender sobre alguma coisa nesse sentido e a gente não consegue. Quem não consegue somos nós.

Fico na ideia anterior. Entendo que com Lebrun você está trazendo a ideia da indiferença da Terra à nós, assim como a do Mar hoje. Mas aquela indiferença se traduzia como contingência, o terremoto pode vir ou não. Mas na subida das águas onde está a contingência? Ele vai subir, é um pouco diferente do que você está trazendo.

Vocês sentem essa diferença? Trabalhamos com o real como contingente e como impossível. Talvez tenhamos que ver se e como esse real de Gaia entra nessas categorias.

Renata E.: acho que o que você trouxe, interpreta os psicanalistas, pensando em sistemas totalitários, acho que tem uma ditadura do mercado. A ideia de Gaia é algo que traz o comum, todo mundo está submetido a uma coisa que não se controla. O mercado não!

Em ambos estamos submetidos a uma coisa que não se controla, mas em um teríamos uma implicação subjetiva, mais diretamente individual, no outro mais coletiva? Interessante.

A página em branco é o nome do real no mundo moderno, o mundo humano, o mundo humanista, que pega a natureza, produz o linho, faz alguma coisa, constrói um império, totalmente simbólico em cima da natureza, esse império é apossado pelo real, o que não se escreve.

Vicente: essa diferença que você fez entre exceção e fim de mundo, da menina que não era virgem, isso vinha destruir o mundo inteiro, dá para pensar que seria a mesma diferença entre terremoto e contingência?

A página em branco não é terremoto.

Vicente: o terremoto, o mar que sobe, essa analogia que estou fazendo de terremoto, maremoto, tempestade, um mar que sobe que vai desmontar, não é uma exceção.

Podemos imaginar que a página em branco fosse um acidente, um cataclismo? Sim, era só fazer a sequência e dizer, “isso aqui rompe tudo o que estava previsto, mas você empresta para o evento, algum encadeamento, ele rompe o encadeamento, a questão toda é: será que Gaia é outro sistema de pensamento? *A página em branco* é a contingência de alguma coisa que não podia ser, e que foi, mas sem sair do regime do impossível, sem passar para o necessário.

BIBLIOGRAFIA

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 23: O Sinthoma (1975-76)*. Rio de Janeiro: JZE. (2007).

_____. *Estou falando para as paredes*. Rio de Janeiro: JZE. (2011).

_____. *O Seminário, Livro 19: Oi Pior...(1971-72)*. Rio de Janeiro: JZE. (2012).

_____. *Radiofonia*. Outros Escritos. Rio de Janeiro: JZE. (2003).

LAURENT, Éric. *O avesso da biopolítica: Uma escrita para o gozo*. Coleção Opção Lacaniana 13. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

¹ Slavoj Žižek. Livro: *Bem-Vindo ao Deserto do Real*.

² LAURENT, Éric; *O avesso da biopolítica: Uma escrita para o gozo*.

³ JACQUES, Lacan. *Radiofonia*. Outros Escritos.

⁴ Idem. *O Seminário, Livro 23: O Sinthoma (1975-76)*. Rio de Janeiro: JZE. (2007)

⁵ Idem. *Seminário 19*

⁶ LACAN, Jacques. *Nota Italiana*. Outros Escritos.

⁷ _____. *O Seminário, Livro 19: Ou Pior...(1971-72)*. Rio de Janeiro: JZE. (2012).